

# CADERNO TEOLÓGICO

Religião, democracia e direitos humanos

[periodicos.pucpr.br/cadernoteologico](http://periodicos.pucpr.br/cadernoteologico)



## A Preta-velha como arquétipo da narradora na literatura brasileira

*Preta-velha as an archetype of the narrator in Brazilian literature*

Nome: Luiz Izaac dos Santos Ribeiro [a] 

Ceará, Fortaleza; Brasil

Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, CE, BR.

Nome: Maria do Socorro Pinheiro [b] 

Ceará, Fortaleza; Brasil

Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, CE, BR.

**Como Citar:** RIBEIRO, Luiz Izaac dos Santos; PINHEIRO, Maria do Socorro A Preta-velha como arquétipo da narradora na literatura brasileira. Caderno Teológico, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 09, n. 02, p.68-79, jan./jun, 2024. DOI: <https://doi.org/10.7213/2318-8065.09.02.p68-79>

### Resumo

A figura religiosa umbandista da Preta-velha possui uma representação contínua ao longo dos textos da literatura brasileira; isso se deve, provavelmente, ao fato de que ela está viva no inconsciente coletivo do Brasil. Por isso, o objetivo deste trabalho é investigar a representação da Preta-velha sob uma perspectiva literária, enfocando-a como a contadora de histórias. Assim, a justificativa para essa pesquisa é a retomada de uma figura religiosa da Umbanda que está consignada na literatura brasileira, e, portanto, no imaginário sócio cultural do Brasil. O aporte teórico utilizado na construção argumentativa foi: Freire (1963), Santos (1999), Estés (2007, 2018), Rezende (2017). No que diz respeito à metodologia, dois momentos foram fundamentais; o primeiro deles foi a escolha de um *corpus* de pesquisa a partir da literatura nacional, e o segundo momento, se deu com a comparação das representações literárias da Preta-velha (entre si). Sobre os achados da investigação, eles apontam que levando em consideração a literatura brasileira, a Preta-velha possui uma vinculação bastante forte com a oralidade, aliás uma das suas principais características é a contação de histórias. Além disso, a arte narrativa configurada ao objeto investigado pode ser considerada um recurso psíquico de desenvolvimento da consciência.

[a] ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9566-8067> E-mail: [izaacribeiro@yahoo.com.br](mailto:izaacribeiro@yahoo.com.br)

[b] ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2464-580X> E-mail: [socorro.pinheiro@uece.br](mailto:socorro.pinheiro@uece.br)

**Palavras-chave:** 1. Literatura brasileira. 2. Umbanda. 3. Preta-velha. 4. Narrativa. 5. Contação de histórias.

## Abstract

The Umbanda religious figure of the Preta-velha spirit has a continuous representation throughout the texts of Brazilian literature. This is likely due to the fact that she is alive in Brazil's collective unconscious. The main objective of this research is to investigate the representation of the Preta-velha spirit from a literary perspective, focusing on her role as a storyteller. Thus, the justification for this research is the revival of the Umbanda religious figure, consigned in literature and, therefore, present in Brazil's sociocultural imaginary. The theoretical foundation of this study is grounded in the works of: Freire (1963), Santos (1999), Estés (2007, 2008), and Rezende (2017). Regarding the methodology, two key moments were essential: the first consisted of selecting the research corpus from national literature, and the second involved comparing the literary representations of Preta-velha. As for the findings of the investigation, we concluded that in Brazilian literature, Preta-velha has a strong connection with oral practices. In fact, storytelling is one of her main characteristics. Furthermore, the narrative art associated with the object of investigation can be considered a psychic resource for the development of consciousness.

**Keywords:** 1. Brazilian literature; 2. Umbanda; 3. Preta-velha; 4. Narrative; 5. Storytelling.

---

*Que coisa admirável... ter idade suficiente para receber tanto, em troca do tanto que se deu aos outros, todo o amor que alguém um dia poderia querer, só por ser sagaz, franca, esperta, firme e amorosa (ESTÉS, 2007, p. 85).*

## Introdução

A alma coletiva brasileira está constituída de símbolos fundamentais cujas origens remontam a África, graças ao movimento afro diaspórico que incorporou forçadamente ao Brasil um incontável número de africanas(os). Dentre essa lista de símbolos está a mulher negra africana em razão de ter se utilizado da oralidade para transmitir saberes ancestrais e construir imaginários.

Dessa forma, a mulher negra se tornou um antepassado recalcado do Brasil que está sempre retornando à consciência nacional por meio de manifestações artísticas, religiosas etc. O caso da sua representação religiosa como a Preta-velha na Umbanda é um desses indícios do seu retorno à consciência, neste caso operando contra o esquecimento da história escravocrata brasileira.

Diante disso, o presente artigo tem por objetivo analisar o arquétipo de narradora do Brasil que a Preta-velha manifesta, a partir de um *corpus* proveniente da literatura brasileira. Haja vista a certa frequência com que a literatura nacional representa a mulher negra, idosa e em condições de subalternidade, geralmente caracterizada como a contadora de histórias.

Portanto, a pesquisa se justifica em razão da retomada de um espectro religioso da Umbanda, que também é reverberado na literatura brasileira, e, conseqüentemente, no imaginário sócio cultural do Brasil. Então, estamos lidando com um símbolo da identidade nacional que tem a sua relevância para a história e a cultura.

Quanto à metodologia adotada nesta pesquisa, ela possui uma abordagem qualitativa estruturada elementarmente em duas etapas distintas, das quais a primeira se constituiu da seleção do *corpus* literário a partir de obras brasileiras, cujo critério de escolha foi a relevância da representação da Preta-velha para o enredo. E em seguida, decorreu-se a análise comparativa entre as personagens encontradas, mormente estabelecendo um diálogo entre as mesmas.

Ainda, sobre a análise desenvolvida ela se configura como uma hermenêutica que busca problematizar o papel simbólico-arquetípico da Preta-velha, para compreender como ele se estabelece dentro da literatura brasileira, sobretudo enfocando o arquétipo de narradora como sendo inerente à figura literária (histórica/simbólica) da Preta-velha.

Além disso, a presente investigação está organizada em duas seções, a primeira delas evidencia a ligação existente entre a oralidade e a representação da Preta-velha, levando em consideração personagens da literatura brasileira. E a segunda seção, aprofunda-se na reflexão acerca da oralidade como sendo um recurso psíquico de expansão da consciência que é desenvolvido pelo objeto aqui investigado.

Para defender a ideia principal deste trabalho, qual seja, a relevância das narrativas da mulher negra, senil e escravizada para a consolidação da representação arquetípica da Preta-velha como parte da identidade cultural brasileira, o referencial teórico utilizado foi: Freyre (1963), Estés (2007), Roncador (2007), Chartier (2010), Rezende (2017), *et al.*

Por fim, os achados da pesquisa indicam que (1) a oralidade é um traço marcante da representação da Preta-velha na literatura brasileira; (2) a Preta-velha pode ser considerada tanto uma intérprete do Brasil quanto uma criadora de imaginários, uma vez que a sua habilidade para a contação de histórias se baseia em elementos da(s) cultura(s) afrobrasileira; e (3) a oralidade se apresenta como uma estratégia de sobrevivência no contexto de subjugação da mulher negra africana deportada para o Brasil.

## 1 A arte de narrar das Pretas-velhas

A presença da mulher negra africana na cultura brasileira é inaugurada justamente com o evento histórico da invasão dos colonizadores portugueses, às terras que posteriormente eles mesmos chamaram de Brasil. Estudos apontam que por volta do ano de 1531 as primeiras embarcações com escravizadas(os) aportaram no cais da então Terra de Santa Cruz (Sayers, 1958).

A partir desse momento se deu o processo de formação da identidade brasileira, desenvolvido com a confluência de elementos oriundos das culturas dos povos originários, africanos e português. Nesse sentido, o povo brasileiro resultou da interconexão destes três universos dando, pois, origem a uma nação diversa, miscigenada e complexa.

Portanto, a mulher negra africana figura neste contexto dos que erigiram o Brasil com a sua cor e o seu sacrifício. Fato pelo qual ela se tornou um dos símbolos (por mais negado que seja) daquilo que há de mais *sui generis* na história/cultura brasileira. Foi assim que a mulher negra assinalou a alma do Brasil, de forma indissociável.

Tal presença, desde o colonialismo, ajudou a construir o imaginário coletivo brasileiro, muito provavelmente porque antes ela está no inconsciente do país. Primeiro a mulher negra ocupou um lugar na história - sujeita às leis e às violências do homem branco colonizador. Depois, passou a integrar as artes, sendo motivo de inspiração para obras, tais quais, pinturas, personagens literários, fotografias, etc.

Algum tempo depois, após a “abolição da escravidão”, a mesma figura da mulher negra escravizada, senil, passou a ser cultuada como uma entidade espiritual na Umbanda, religião de matriz africana surgida e idealizada no Brasil para cultuar os elementos simbólicos da cultura afro-brasileira.

Todos esses movimentos (históricos, artísticos, religiosos, etc) em torno da mulher negra, fazem perceber que ela é um antepassado recalcado que, vez por outra, sempre retorna à consciência do Brasil, a fim de recordá-lo da sua verdadeira ancestralidade. O seu contínuo re/surgimento demonstra essa ligação inquebrantável que une o passado e o presente da nação.

No que diz respeito à religião umbandista, a figura religiosa da Preta-velha representa os espíritos de mulheres negras africanas ou das suas descendentes que viveram aqui no Brasil<sup>1</sup> nos tempos do colonialismo. Então, quando a Preta-velha é incorporada nas liturgias da Umbanda, o seu espírito representa as escravizadas que viveram subjugadas, durante boa parte da vida destas, ou quando não toda ela.

Neste caso, trata-se do espírito de mulheres negras que tiveram uma vida sacrificada, a propósito dos vários ofícios exercidos à força, no âmbito da casa grande. Elas foram as amas de leite e executaram os trabalhos mais duros, até mesmo nos campos de plantações. E por terem atingido um nível de iluminação, depois de tantos sofrimentos, os espíritos das Pretas-velhas (segundo a crença da Umbanda) retornam aos terreiros da religião para ajudar as pessoas, oferecendo-lhes conselhos de sabedoria.

As palavras amorosas com as quais a entidade religiosa costuma se dirigir aos consulentes através dos médiuns que as incorpora, além da afabilidade, fazem perceber a narrativa oral destas mulheres que experimentaram diversas violências em vida; dentre as quais a violência sexual e de gênero.

Desse modo, quando a religião Umbanda idealiza o culto às(os) Pretas(os)-velhas(os) ela está, na verdade, fazendo um culto à memória coletiva brasileira.<sup>2</sup> Sobretudo estamos falando de uma memória que representa um passado doloroso e difícil, qual seja, a desumanização das pessoas negras. Talvez por isso essa memória seja tão negada ou ignorada in/conscientemente no contexto da sociedade brasileira.

É, no entanto, a incorporação dos espíritos das escravizadas que viabiliza a preservação da história da escravidão, não permitindo que esta seja esquecida. Aliás, toda vez que uma Preta-velha “baixa” nos seus médiuns, ela faz questão de contar as histórias de sua vida aos consulentes, para mostrar como foi viver subjugada e como conseguiu suplantar a realidade de violências.

Então, é possível compreender que as Pretas-velhas são *seres da memória*, como corroborado por Chartier (2010) em seu texto *Escutar os mortos com os olhos*. Isso se manifesta sobretudo através da oralidade, utilizada por elas para exortar sobre a experiência da vida e suas desventuras. Assim, as Pretas-velhas estão profundamente marcadas pela característica da palavra dita, meio através do qual o conhecimento empírico foi repassado de geração em geração, antes mesmo que a escrita tivesse se tornado possível.

Nesse sentido, tanto no contexto da história, quanto no das artes, a Preta-velha é, geralmente, sugestionada como uma narradora, ou se poderia dizer contadora de histórias. Característica essa que reverbera a habilidade da mulher negra com a palavra. Não distante, isso foi utilizado para entretenimento dos brancos colonizadores, desde que a mulher negra aqui chegou.

Inclusive o sociólogo Gilberto Freyre (1900-1987) em sua obra *Casa-grande e senzala* (1963) destaca essa função da contação de histórias como uma instituição social existente na cultura dos povos africanos. Este costume foi trazido para o Brasil com a chegada das(os) escravizadas(os). Eis o que diz Freyre:

As histórias portuguesas sofreram no Brasil consideráveis modificações na boca das negras velhas ou amas-de-leite. Foram negras que se tornaram entre nós grandes contadoras de histórias. Os africanos, lembra A. B. Ellis, possuem os seus *contistas*. “Alguns indivíduos fazem profissão de contar histórias e andam de lugar em lugar recitando contos. Há o *akpalô* fazedor de *alô* ou conto; e há o *aronkin*, que

<sup>1</sup> “Os pretos-velhos são os espíritos dos antigos escravos negros que pela sua humildade tornaram-se participantes da «Lei de Umbanda». Quando eles «descem», o corpo do neófito se curva, retorcendo-se como o de um velho esmagado pelo peso dos anos” (Ortiz, 1978, p. 67).

<sup>2</sup> Para Rezende (2017): “É ele, o preto-velho, um dos responsáveis por manter viva uma memória da escravidão (com seus sofrimentos, sua resistência e sua superação) e, concomitantemente, por auxiliar no sobrepujamento das dores daqueles que o procuram” (Rezende, 2017, p. 178).

é o narrador das crônicas do passado. O *akpalô* é uma instituição africana que floresceu no Brasil na pessoa de negras velhas que só faziam contar histórias. Negras que andavam de engenho em engenho contando histórias às outras pretas, amas dos meninos brancos. José Lins do Rêgo, no seu *Menino de Engenho*, fala das velhas estranhas que apareciam pelos bagüês [sic.] da Paraíba: contavam histórias e iam-se embora. Viviam disso. Exatamente a função e o gênero de vida do *akpalô*. (Freyre, 1963, p. 374, grifos do autor).

Também a pesquisadora Rocard (2007) em seu artigo científico *A mãe preta de Freyre e Lins do Rego*, confirma:

Contadoras hábeis e criativas, as amas negras possuíam, segundo a narrativa freyreana, um vasto repertório de contos orais, desde as histórias europeias trazidas pelos colonizadores Portugueses, passando pelas tradições indígena e africana, até as histórias que elas mesmas inventavam ou simplesmente adaptavam a cor local (Rocard, 2007, p. 127).

Com efeito, até aqui conjecturamos a presença da mulher negra africana subalternizada (ou as suas descendentes) a partir de um contexto histórico, e posteriormente, dentro de um contexto religioso, para demonstrar que há uma continuidade dessa manifestação da presença feminina negra na cultura e na identidade brasileira.

Dessa forma se pode perceber que a Preta-velha tanto na história quanto na religião é atravessada pelo aspecto da memória e da palavra, o que ao nosso modo de ver a configura como uma narradora, isto é, uma anunciadora de histórias que serviram de entretenimento para os colonizadores. Mas por outro lado, para a mulher negra esse ofício representava uma possibilidade de sobrevivência, uma estratégia poderosa de expansão da sua consciência, para que ela pudesse superar as suas tragédias pessoais.

Quiçá na contação de histórias a mulher negra subalternizada tenha conseguido fugir, nem que seja por um breve momento, da realidade dolorosa de subjugação e tenha estabelecido na força criativa da sua psique uma âncora, na qual se agarrou firmemente, a fim de não sucumbir por completo ao sistema da escravidão de pessoas negras que a desumanizou.

Na arte literária, por exemplo, a Preta-velha - essa mulher negra deportada da África para o Brasil, na condição de senilidade - é representada justamente com a característica predominante da habilidade para contar histórias. Nesse sentido alguns dos textos literários brasileiros considerados canônicos apresentam personagens que se enquadram nesse perfil.

No romance *O tronco do ipê* (1871) de José de Alencar (1829-1877) essa personagem corresponde à “Tia Chica”, figura negra feminina, já bastante idosa e contadora de histórias. A personagem ao longo do enredo recebe a constante visita das crianças da casa grande, para quem ela prepara lanches saborosos e lhes dedica o seu amor devotado.

As crianças por sua vez pedem à Preta-velha que esta lhes conte histórias do passado da casa grande. Isso revela a personificação do arquétipo da velha sábia, representado na mulher negra, uma vez que ela carrega consigo a sabedoria da vida e a distribui com generosidade aos que são mais jovens.

Tia Chica, após ter vivido a maior parte de sua vida e ter suplantado as dificuldades da sua história pessoal, torna-se a contadora de histórias ou a guardiã da memória, algo que lhe exige a expansão da própria consciência e o uso da criatividade. Alguém assim, precisa necessariamente exercer o dinamismo da sua vida psíquica, porque narrar histórias ou memórias exige a capacidade imaginativa.

Outra personagem literária com a qual se configura a Preta-velha narradora na literatura brasileira é Balbina, do romance *Rei negro* (1914) escrito por Coelho Neto (1864-1934). Neste caso, Balbina é a responsável pela

preservação da memória do reino africano de onde é proveniente. Sobretudo ela exerce essa função junto ao protagonista do romance, Macambira, por este ser descendente direto da realeza africana.

Ao longo de todo o texto literário a Preta-velha conta histórias de como é o império do rei negro e o faz imaginar quão prodigioso seria viver nesse reino imaginado e perdido. Assim, a personagem ajuda a construir o imaginário do protagonista, que embora seja rei na África, no Brasil contraditoriamente vive na condição de dominado.

Portanto, Balbina, cujo nome significa aquela que balbucia, faz evocar a memória de um passado que constitui a identidade do rei negro, o que é feito por meio das palavras por ela pronunciadas. Com efeito, a personagem opera como uma ferramenta potente que não permite ao protagonista o esquecimento de quem ele é e nem de onde veio.

Essa ação da Preta-velha confirma o seu lugar de narradora, ao passo que evidencia a sua inteligência superior. Neste caso, por se tratar de uma figura feminina negra que procede em defesa da memória ancestral. Ao contrário da Preta-velha abordada anteriormente, essa não conta história de brancos para brancos, mas sim história de negros para negros.

Ainda, um outro exemplo de Preta-velha, talvez um dos mais conhecidos da literatura brasileira, é o da Tia Anastácia de Monteiro Lobato (1882-1948). Essa personagem integra o núcleo principal das narrativas constantes nos livros do Sítio do Pica-pau amarelo, inclusive ganhando um número da série de livros somente para si, qual seja, *Histórias de tia Anastácia* (1937). Nesta saga a mulher negra se destaca pela sua habilidade culinária e por ser uma exímia contadora de histórias fabulosas.

Tia Anastácia é uma das responsáveis pelo entretenimento das crianças Narizinho e Pedrinho. As suas histórias ganham vida à medida em que a personagem vai tecendo narrativas cheias de detalhes e de engenho. Dessa forma, a Preta-velha vai exercendo o seu poder de fascínio sobre as crianças, isto é, atraindo-as através da escolha hábil e talentosa das palavras, com as quais ela faz mundos fantásticos existirem.

Uma quarta e última personagem literária escolhida para evidenciar o aspecto de narradora das Pretas-velhas é justamente a Velha Totonha, introduzida em *Menino de engenho* (1932) pelo escritor José Lins do Rêgo (1901-1957). Possivelmente, mais que as outras personagens já abordadas nos parágrafos anteriores, essa se enquadra bastante no perfil de narradora. Também, se enquadra perfeitamente na descrição realizada por Freyre (1963), sobre o *akpalô*, pois ela vivia exclusivamente do ofício de anunciar histórias e percorria - como uma nômade - o perímetro dos engenhos do sertão paraibano, distribuindo as suas ficções a quem encontrasse.

Além disso, a velha Totonha possuía um talento especial para a dramaturgia, sua voz caracterizada por certa plasticidade dava vida não somente às histórias, como também à declamação de poesias. A sua performance permitia aos seus ouvintes a fruição da arte narrativa com tamanha precisão, ao ponto de mobilizar a imaginação dos que a ouviam.

Inclusive a personagem, segundo o narrador, demonstrava capacidade não apenas de repetir histórias, mas de comentá-las; esse dado literário ao nosso modo de ver indica, muito provavelmente, a capacidade hermenêutica da Preta-velha de pensar sobre as suas próprias histórias, por mais que fossem consideradas folclóricas.

Chegando ao final desta primeira seção, convém destacar que a mulher negra africana está associada ao exercício da oralidade, característica que se manifesta ao longo da história, da religião ou das artes (como por exemplo a literatura). Entretanto, nem mesmo por isso, as palavras dela foram consideradas como fruto de sua cosmovisão do mundo, isto é, foram consideradas folclóricas, fantasiosas, entretenimento, etc.

Então, poderíamos nos perguntar: era realmente possível que uma mulher negra, sequestrada, subjugada se manifestasse no contexto do colonialismo brasileiro, sem que isso fosse considerado como folclore, mera ludicidade, etc? Apesar da resposta a esse questionamento ser não, a Preta-velha, de forma inteligente e perspicaz, contou as suas histórias e ajudou a formar imaginários.

Desse modo, ela é uma das primeiras difusoras da ficção através da oralidade, conforme afirmou Roncador (2007). Também, por que não, poderíamos considerá-la como uma das primeiras ficcionistas do Brasil, pois foi graças à criatividade e à inteligência da mulher negra que as primeiras histórias foram veiculadas neste que se tornaria um país. Daí, portanto, a razão do título desse trabalho.

Enfim, a Preta-velha conseguiu interpretar o Brasil ajudando a formar a identidade nacional, com a sua capacidade narrativa. Não distante, sobretudo devido a essa sua ligação potente com a palavra, a mulher negra africana, subalternizada, se tornou um elemento importante da cultura e da alma coletiva brasileira.

## 2 Desenvolvimento da consciência e o arquétipo da Velha sábia

Este segundo momento do texto será dedicado à reflexão sobre a proximidade da representação da Preta-velha como narradora, comentada a propósito da literatura brasileira na seção anterior, e o arquétipo da “velha sábia”, uma vez que essa habilidade para a contação de histórias do objeto aqui investigado pode ser compreendida como um recurso psíquico que é transmitido pela força arquetípica.

Desse modo, cabe destacar que estamos lidando com um objeto que nos remete ao contexto do colonialismo, no qual foram cometidas muitas violências contra a mulher negra africana, a começar pelo seu sequestro - evento traumático que a afastou bruscamente da sua pátria, da sua família, da sua cultura, da sua língua. Não bastando, aqui foi tornada cativa e submetida à cruel desumanização.

Pontuar essa realidade é fulcral para entender em que circunstâncias essa mulher racializada e subjugada, mesmo com a vivência de tantos traumas, ainda é capaz de expandir a sua própria consciência e contar histórias, isto é, fazer uso da sua capacidade criativa estabelecendo narrativas que entretiveram aos que a ouviram.

Logo, diante da Preta-velha, entendida como sendo a representação das mulheres negras escravizadas trazidas da África ou das suas descendentes, podemos nos perguntar: Como uma mulher assim, cuja vida foi tão dolorosa, pode ter sido capaz de agir com tamanha generosidade e sabedoria? Como, apesar das desventuras, ela foi capaz de tanta superação?

As possíveis respostas que ensaiamos aqui neste texto, em relação às perguntas acima colocadas, apontam para a imensa força interior da mulher negra, escravizada e idosa. Foi a fortaleza da sua grande alma que a fez encontrar recursos internos, tão potentes, ao ponto de lhe fazerem ultrapassar a realidade de dor e de subjugação. Conforme escreveu Estés (2007): “Apesar de ser arrasada ou tratada injustamente, ela tem outro eu, um eu primordial, radiante e incorruptível, por baixo do eu que sofre o ataque - um eu iluminado que permanece incólume para sempre” (Estés, 2007, p. 20).

Por isso acreditamos haver uma ligação profunda entre a Preta-velha e a velha sábia, porque esta segunda (e a primeira também) consegue equilibrar (e integrar) os contrários dentro de si, aproximando-se coerentemente do seu maior desafio existencial, qual seja, ser exatamente quem é, com as suas dores e as suas alegrias. Nesse sentido, ser mulher senil e ser sábia, consiste em “[...] ser cheia de espontaneidade e confiável; ser loucamente criativa e obstinada; ser ousada e precavida; abrigar o tradicional e ser verdadeiramente original” (ESTÉS, 2007, p. 12).

Não distante o arquétipo da velha sábia é estabelecido dentro dos estudos junguianos como uma força que está presente na psique feminina e geralmente é representado de forma simbólica na mulher idosa, nesta que já vive a segunda metade da vida, momento em que ela é guiada mais por seu espírito/alma e menos por seu ego, ao contrário do que ocorre comumente na primeira metade da vida.

Por conseguinte, uma das características da velha sábia, que também se pode aplicar à Preta-velha, é a da resistência. Apesar das realidades traumáticas e difíceis de serem suportadas, essa força interior conduz as mulheres ao caminho da resiliência, para que assim elas possam suplantar qualquer que seja a realidade de injustiça ou de dor.

Portanto, trata-se de uma força que quando ativada interiormente ampara as mulheres a “[...] viver plenamente cada dia. Não de acordo com a capacidade do outro. Mas de acordo com a sua própria capacidade, predestinada, de livre-arbítrio, que dá a vida, não que entorpece a vida” (Estés, 2007, p. 15).

Nesse sentido, assim afirma Estés (2007):

Dentro da psique de muitas mulheres existe algo que entende intuitivamente que o conceito de “curar” está incluído na palavra “saúde”. Quando ferida, ela se torna “cheia de cura” - cheia de recursos de cura -, o que significa que algum filamento vibrante, gerador de vida, no seu espírito e na sua alma se move persistentemente na direção da nova vida, seja na busca de muitos tipos de forças, seja na reconstrução da integridade perdida, seja na criação de um novo tipo de integridade, diferente da que havia antes (Estés, 2007, p. 42).

Tal definição faz lembrar a representação da Preta-velha sobretudo no que cerne o aspecto do refazimento da vida e da sua integridade. Como já destacado, apesar de ter sido retirada à força da sua pátria, a mulher negra africana de forma sábia transmuta a realidade traumática e refaz a sua história, agora em um solo totalmente desconhecido, com o qual colaborará para que se torne um país.

Ainda sobre o arquétipo da velha sábia, ele pertence a todas as mulheres de todos os tempos, embora nem sempre todas consigam se conectar a essa força interior, mesmo assim ela está sempre à disposição das mulheres, especialmente nos momentos mais desconfortantes pelos quais estas passam.

Com efeito, a velha sábia é esta força que vai se robustecendo e sendo alimentada a partir das experiências individuais de cada mulher. Como já dito, ela está não apenas na idosa, mas na jovem<sup>3</sup> inclusive. Isso nos permite compreender que essa força está sempre “em andamento”. Segundo Estés (2007):

A *grande* clareza e percepção, o *grande* amor que tem magnitude, o *grande* autoconhecimento que tem profundidade e amplitude, a expansão da aplicação refinada da sabedoria... tudo isso é sempre uma “obra em andamento”, não importa quantos anos de vida a mulher tenha acumulado (Estés, 2007, p. 13, grifos da autora).

Após feitas todas essas considerações até aqui sobre a velha sábia, doravante serão retomadas as quatro personagens da literatura brasileira, que são consideradas neste artigo como representação da Preta-velha narradora e já comentadas na seção anterior, a fim de destacar nelas os traços simbólicos arquetípicos da velha sábia e como eles aparecem configurados em cada uma das personagens.

Tia Chica de *O tronco do ipê* é uma representação bastante clássica da avó. Os efeitos do seu comportamento podem ser pensados simbolicamente como intrínsecos ao arquétipo da velha sábia, pois os seus gestos estão repletos de amorosidade e de bondade e se voltam sobretudo para as crianças da casa grande. De acordo com a constituição da velha sábia:

Ser uma grande avó significa ensinar os caminhos do amor e da compaixão aos mais novos... porque os conselhos e advertências da avó com frequência podem ajudar a impedir deslizes dos mais jovens; e, caso não tornem os mais jovens de imediato mais sábios, conseguem ajudar a extrair sentido daqueles deslizes quando resultam em desnorreamento ou tristeza (Estés, 2007, p. 60).

<sup>3</sup> “Numa psique equilibrada, essas duas forças, o espírito jovem e a alma velha e sábia, se mantêm num abraço em que mutuamente se reforçam” (Estés, 2007, p. 21).



No texto literário, Tia Chica se dirige às crianças contando-lhes histórias fabulosas do lugar geográfico onde se situa a casa grande. Quiçá nesse ofício ela tenha admoestado as crianças com ensinamentos ou possivelmente destacado a “moral da história”, para que assim elas pudessem retirar algum ensinamento de vida. Segue um trecho do romance:

— Conta a história da mãe d'água, vovó !  
 — Ora, nhanhã, eu nem me lembro mais.  
 — Para Adelia ouvir ! Sim, vovó, sim !  
 — Já esqueceu! Faz tanto tempo que eu ouvi a minha senhora velha D. Generosa, aquela santa que Deus tem na sua glória entre seus anjos [...]  
 Faz tanto tempo que eu ouvia ela contar a sinhá, quando era mais pequena que nhanhã. Sinhá não queria dormir, e então sinhá velha sentava-se junto da cama, com a cabecinha tão branca como capucho de algodão, e começava... Deixe ver se me alembro nhanhã. Ah! Foi um dia.... (Alencar, 2005, p. 65).

O trecho acima evoca as duas instâncias da alma feminina, a idosa e a jovem, ambas condensadas dentro da memória de Tia Chica, essa mulher senil que um dia foi menina e cuja alma é atemporal. A sua memória prodigiosa repleta de sabedoria serve como um repositório no qual se conservam histórias importantes e que são repassadas aos mais jovens.

Contemplada neste mesmo aspecto se pode citar Balbina de *Rei negro*, de acordo com o romance de Coelho Neto:

As descrições que Balbina lhe fizera do reino perdido, sem omitir uma árvore à paisagem, um objeto de uso, o nome de um ídolo ou de um herói, um verso aos cantos de guerra ou de amor, tão fundo lhe gravaram no espírito que, por vezes, se lhe representavam objetivamente (Neto, 2013, p. 32).

Também Tia Anastácia de *Histórias de Tia Anastácia* e a velha Totonha de *Menino de engenho*, ambas estão configuradas a essa capacidade abundante de oferecer aos mais jovens uma ciência que foi adquirida com o tempo, e que simultaneamente sempre esteve presente na alma de cada uma delas.

Contar histórias, nesse sentido, pode ser considerada uma ferramenta poderosa que serviu de esteio para a sustentação da vida interior da Preta-velha. A um só tempo ela encontrou um recurso que foi fundamental para si mesmo e através deste conseguiu reorientar a sua existência para uma direção de equilíbrio dos contrários.

Essa dimensão da representação da Preta-velha evidencia o quão a mulher negra, não obstante toda a escamoteação da sua humanidade, foi capaz de burlar o sistema da escravidão e ocupar um lugar importante na formação da identidade nacional<sup>4</sup>, afinal o fato de contar histórias, de ensinar aos filhos dos colonizadores as primeiras palavras, tudo isso passou por influências da cosmovisão da Preta-velha.

Além disso, a representação de Tia Chica e Tia Anastácia reforçam a arquetipicidade da velha sábia especificamente quando os respectivos textos literários destacam as habilidades delas para a culinária e a confecção de artesanias delicadas, as quais eram oferecidas com devoção aos seus senhores e aos seus descendentes. Seguem excertos de *O tronco do ipê*:

Na cabana havia luz. Sentada na sua tarimba com a almofada ao colo Chica tangia os bilros à luz da candeia, impaciente por acabar a tarefa. Pelo natal começara uma renda larga de dois palmos, que

<sup>4</sup> “Elas reivindicam um lugar na sua sociedade, essencialmente qualquer lugar que desejasse pois não queriam espirrar, implorar nem precisar adular para que alguém - a família ou a cultura - lhes concedesse esse lugar” (Estés, 2007, p. 71).

destinava para a anágua do casamento de sua nhamã ; o qual não podia tardar (Alencar, 2005, p. 212)<sup>5</sup>.

Embora presa na cama, *Chica não se esqueceu de cumprir o dever* da hospitalidade. Tirou de uma prateleira suspensa ao lado da cama umas latas e cestas, cheias de biscoitos, rosquinhas, beijus e frutas (Alencar, 2005, p. 63, grifos nossos).

A velha Totonha por sua vez, era talentosa com as artes dramáticas, era esse o seu ofício criativo, além de ser praticamente uma nômade, isto é, adaptava-se às mudanças constantes. Nesta característica se manifestam a delicadeza da alma da Preta-velha e a sua potência, no que cerne à mobilização do imaginário dos seus ouvintes. Segue trecho literário:

A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas (Rêgo, 2002, p. 79).<sup>6</sup>

Já Balbina dominava a manipulação de ervas e fitoterápicos, fato que lhe rendeu a alcunha de feiticeira. Para ilustrar, eis uma passagem do texto literário: “A negra abria largamente a porta, saiu com a bacia. Tornou, instantes depois, com uma lata onde ardiam brasas, esfarelou por elas a mistura de alfavaca, benjoim e açúcar e começou a defumar o quarto pelos cantos” (Neto, 2013, p. 111).

Estés (2007) destaca o uso da criatividade como uma estratégia importante para ativar a influência do arquétipo da velha sábia na psique feminina. Através disso ocorre, na visão da pesquisadora, a expansão da consciência que permite uma autoconexão com os próprios instintos mais profundos.

Assim sendo, as quatro personagens (Tia Chica, Balbina, Tia Anastácia e velha Totonha) nos respectivos romances agem com essa postura de inventividade, comprovando que “Por maiores que tenham sido as destruições sofridas, por maiores que tenham sido os golpes ao seu cerne, as avós ainda consideram que o amor profundo é a maior cura e o objetivo supremo, o maior cultivador da alma” (Estés, 2007, p. 58).

Por fim, convém ressaltar ainda um último aspecto da velha sábia que se faz convergente na representação Preta-velha, trata-se da ternura. Este atributo qualifica todas as personagens já mencionadas. Elas agem com afeto em cada um dos seus gestos e dedicam uma energia psíquica que faz as suas vidas singulares. Portanto,

Através das suas práticas diárias, tornou-se aparente [...] que não era apenas o *quê* da vida de uma velha que era importante, mas também os *recursos interiores* - o que havia dentro dela, que sabedoria e força de coração tinham sido acumuladas... parte semeada de propósito, parte trazida pelo vento -, mas *tudo colhido com consciência* (Estés, 2007, p. 70).

Chegando ao final desta seção, discutimos sobre como o arquétipo da velha sábia atravessa a representação da Preta-velha narradora na literatura brasileira, e de acordo com essa perspectiva se tornou possível a abordagem das personagens, com o fito de compreendê-las. Assim, se pode salientar que é a vida oculta da Preta-velha que lhe sustenta diante das desventuras. Inclusive, é da sua interioridade que advém a força regeneradora da própria vida,

<sup>5</sup> Todas as citações transcritas e anotadas nesta pesquisa, do romance *O tronco do ipê*, foram retiradas de: ALENCAR, José de. **O tronco do ipê**: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2005.

<sup>6</sup> Todas as citações transcritas do romance *Menino de engenho*, anotadas nesta pesquisa, foram retiradas de: RÊGO, José Lins do; ANDRADE, Carlos Drummond de; VILLAÇA, Antonio Carlos; PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Menino de engenho**. 84. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

algo que se expressa na contação de histórias. Em outras palavras, o objeto aqui investigado encontra na expansão da sua consciência um recurso que lhe permite a continuidade da vida, mesmo com tantos eventos traumáticos.

## Considerações finais

O presente estudo realizado sobre a representação da Preta-velha levando em consideração o seu lugar na literatura brasileira demonstrou a importância do objeto investigado, tanto como espectro religioso umbandista, como também na condição de símbolo cujas raízes atingem o mais profundo campo do imaginário sócio cultural brasileiro.

As imagens arquetípicas evocadas pela representação literária da Preta-velha produzem efeitos que refletem a ancestralidade africana e a sabedoria feminina, mormente através da prática da palavra, isto é, da oralidade, e também das narrativas elaboradas de forma sofisticada e consistente.

Assim, a oralidade pode ser compreendida como um traço marcante na representação da Preta-velha ao longo da literatura brasileira e as suas narrativas se configuram como um *locus* de enunciação dos saberes ancestrais, responsável pela formação de imaginários coletivos. Aliás, é a força das palavras da Preta-velha, mesmo num sistema de opressão, que a tornam capaz de exercer influências sobre aquelas(es) que porventura a escutaram.

Não distante, a oralidade neste caso se traduz como estratégia de sobrevivência no contexto de subjugação vivido pela mulher negra africana em solo brasileiro. Esse achado aponta para o quão a alma feminina é dotada de capacidades e de recursos de autocura e de superação, até mesmo, e sobretudo, nos momentos mais aterradores.

Ultrapassando as fronteiras da seara religiosa a Preta-velha ingressa no campo simbólico literário, conforme revelado por esta pesquisa, e dessa forma ela se torna por assim dizer, uma mediadora que promove o diálogo entre passado e presente, tradição e criação, saber ancestral e formação subjetiva. Na literatura brasileira a sua representação arquetípica se destaca pela expansão da consciência e da criatividade, de acordo com o que apontam os teóricos que fundamentaram esse trabalho.

Por fim, este estudo elegeu como objeto investigativo personagens literárias que estão presentes no imaginário brasileiro, entretanto nem sempre estudadas com a devida frequência. Portanto essa é também uma das contribuições da pesquisa realizada, noutras palavras, a investigação contribui para reafirmar o valor da oralidade, da ancestralidade e do feminino como elementos constitutivos da literatura e da cultura nacional.

## Referências

ALENCAR, José de. *O tronco do ipê*: texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2005.

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". *Estudos Avançados*, São Paulo, Brasil, v. 24, n. 69, p. 6–30, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10510>. Acesso em: 27 nov. 2024.

ESTÉS, Clarissa Pínkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 12 Ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

NETO, Henrique Coelho. *Rei negro*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do Feiticeiro Negro*: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978.

RÊGO, José Lins do; ANDRADE, Carlos Drummond de; VILLAÇA, Antonio Carlos; PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Menino de engenho*. 84. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.

REZENDE, Livia Lima. Pretos-Velhos: o sagrado e o mágico na encruzilhada das religiões. *Revista do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF*. Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 174-197, jul./dez., 2017.

RONCADOR, Sônia. A mãe preta de Freyre e Lins do Rego. *Revista de crítica literária Latinoamericana*. Lima-Hanover, v. 33, n. 65, p. 117-138, jan./jun., 2007.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Trad. Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1958.

---